

A Organização dos Glides Intervocálicos no PB

Evilázia Ferreira Martins (UFMG)¹

Resumo: Este artigo objetiva demonstrar, através do estudo dos glides intervocálicos, os vestígios sobre o papel do glide no sistema lingüístico do PB. Foram observadas suas propriedades fonológicas e fonéticas e como elas interagem com o restante do sistema: acento e sílaba. Cogitou-se que o glide poderia atuar no sistema lingüístico fonológico como vogal (V) ou consoante (C). Como vogal, ele não faz parte da representação subjacente, i.e., é um alofone vocálico, e não atribui peso a sílaba (Câmara Jr. (1984), Leite (1979), Lopez (1979), Silva, (1992, 1996) e Lee (1999). Como consoante, pode ocupar posições consonantais e pode atribuir peso à sílaba (Câmara Jr. (1977, 1970), Collischonn (1996) e Wetzels (2000). Diferente destas duas linhagens, Bisol (1989) não afirma se os glides são C ou V, apenas os identificam como fonológicos ou fonéticos a partir do peso que atribuem à sílaba. Já Mateus (1982) os propõe parcialmente fonemas e parcialmente alofones. Dentre essas, a proposta mais comumente aceita o analisa como uma vogal na parte subjacente do sistema lingüístico. No entanto, os dados da língua permitem que sejam investigadas outras possibilidades. O resultado do estudo mostrou que há fortes motivações para se aumentar o inventário consonantal do PB com a inclusão dos glides. Essa solução parece mais apropriada quando se analisa a organização do sistema lingüístico dessa língua, i.e., o acento e a sílaba. Outro dado utilizado para se chegar a essa conclusão foi a sua realização fonética, que expressa sua relação com o acento. Para isso, observou-se o glide intervocálico sob a perspectiva de duas teorias acentuais principais: Bisol (1992), que atribui o acento a sílaba paroxítona, ou a sílaba oxítona com rima ramificada; e Lee (2002, 2005) que acentua a última vogal do radical. Nas duas teorias, a hipótese mais vantajosa era considerar o glide uma consoante, em contraposição a sua interpretação como vogal.

1) Revisão da Literatura

1.1) Os Glides

O termo glide foi inicialmente utilizado pelos foneticistas das três primeiras décadas do século XX para designar os sons de transição problemáticos à imposição de técnicas de segmentação dos sons da fala. Segundo Pike² (1972, p.48), Jones e Kenyon estabeleciam dois tipos de sons da fala: os *speech sounds*, considerados sons estáticos, e os *glides*, sons dinâmicos, considerados meras transições. Essa divisão era problemática porque tentava se ancorar apenas em aspectos fonéticos. Diante disso, Pike (1972) assume, assim como Bloomfield³ (1961), que os glides não são designados principalmente pela sua produção acústica e articulatória, e, sim, devido a sua interpretação fonêmica⁴.

Foneticamente os sons da linguagem podem ser divididos, conforme Pike⁵ (1968), em vocóides e não-vocóides. Os vocóides são os sons produzidos com a soltura do ar através da região central da língua e não produzem fricção forte na boca. Compreendem os sons vocálicos, os glides vocálicos e o [r], enquanto os não-vocóides são sons que incluem qualquer som que a corrente de ar escape: do nariz, mas não da boca; através da lateral da língua; da boca, mas com fricção localizada em algum ponto da boca e sons nos quais a corrente de ar não escapa.

¹ Orientador: Seung Hwa Lee

² O texto foi divulgado pela primeira vez em 1944.

³ O texto foi divulgado pela primeira vez em 1933.

⁴ O termo *fonêmica* equivale-se, neste texto, ao termo fonologia.

⁵ O texto foi divulgado pela primeira vez em 1947.

Já, fonemicamente, as línguas apresentam dois grupos sonoros que são divididos de acordo com sua função/distribuição na sílaba e de acordo com suas características articulatórias típicas. São denominados Vogais e Consoantes. Ainda segundo Pike (1968), as vogais compreendem o grupo que é, frequentemente, silábico e, basicamente, estabelecido como vocóide. As consoantes, mais frequentemente, mas não exclusivamente, funcionam como não-silábicas e, sendo, assim, basicamente, mas não exclusivamente, consideradas não-vocóides.

A propriedade [vocóide] identifica o grupo fonético de maior probabilidade para funcionar fonologicamente no sistema como silábico ou não-silábico. Observando isso, Pike (1968) propôs que os glides são o pequeno grupo de sons vocóides que são não-silábicos (sons de [j], [ɥ] e [r]). Esses sons podem executar no sistema o papel das consoantes, ou se apresentar como membro vocálico não-acentuado de uma sequência. Nesses termos, o estabelecimento dos glides depende diretamente da constituição silábica e do sistema sonoro de cada língua.

Na Teoria Gerativa (*The Sound Pattern of English*, Chomsky e Halle, 1968), os Glides são uma categoria básica de segmentos, paralela às categorias: Vogais, Líquidas e Nasais silábicas, Líquidas e Nasais não-silábicas e Obstruintes. Essas são especificadas pelos traços de classe principal, como podemos ver, abaixo:

Tabela 1

	Soante	Consonantal	Silábico
Vogais	+	-	+
Líquidas e nasais silábicas	+	+	-
Líquidas e nasais não-silábicas	+	+	+
Obstruintes	-	+	-
Glides	+	-	-

(Matzenauer, 2005, p.22)

Neste modelo, observamos que não há mais a dicotomia *Vogal versus Consoante*. Apenas há a categoria *Vogal*, formada por sons sem oclusão no trato oral, opondo-se às outras categorias que executam nas línguas o papel de Consoantes, ocupando as margens silábicas (Hyman, 1975, p. 44, Clements & Keyser, 1983). Já, a categoria consonantal (C) se torna um traço que caracteriza os sons com algum tipo de oclusão/fricção. O traço vocálico é substituído pelos traços soante e silábico. Mattoso Câmara Jr.⁶ (1977, p. 52), citando o critério distributivo de Trubetzkoy (1939, p.166), lembra que o PB é uma língua no qual esse critério se aplica, permitindo somente vogais na posição de núcleo silábico. Neste caso, o conceito de silábico coincide-se com o conceito de vogal.

Geralmente, nas línguas do mundo, os glides vocálicos correspondem às vogais altas de seu sistema lingüístico. No Inglês, assim como no PB, temos somente dois glides: anterior e posterior, [+ alto]. Esse fato não se dá por coincidência. Na escala de sonoridade, as vogais altas são caracterizadas como as menos sonoras e assim menos proeminentes (Crosswhite,

⁶ O texto foi divulgado pela primeira vez em 1953.

1999). Isso torna possível sua ocupação em posições de baixa proeminência, i.e., as margens silábicas.

Os glides antecedem ou sucedem uma vogal. Quando os glides são alofones vocálicos, eles formam ditongos. O ditongo é crescente quando o glide antecede a vogal (àg[ʊ]a, q[ʊ]adro). Se o glide sucede à vogal, então, forma-se um ditongo decrescente (ga[ɪ]ta, a[ʊ]rora, le[ɪ]te).

Os estudos sobre os glides no PB circundam dois tipos de investigação. O primeiro tipo é a investigação fonológica. Ela analisa o sistema lingüístico do PB e as proposições dos princípios e parâmetros universais com a finalidade de agrupar argumentos para os classificarem como consoantes ou vogais no PB. A outra é fonética e tenta compreender porque os glides podem, em alguns contextos: estar em variação livre com vogais altas ou, em alguns dialetos, com consoantes; porque, em alguns contextos, eles podem se realizar ou não (sem prejuízo a interpretação semântica da palavra) e porque, em alguns contextos, simplesmente, eles não permitem nada disso, isto é, sua realização é obrigatória. De alguma forma, a análise fonética pode auxiliar na interpretação fonológica e isso será feito neste trabalho.

A análise fonológica pode optar por descrever o glide como fonema (Mattoso Câmara Jr. (1977) (1970⁷), Collischonn (1996) e Wetzels (2000)). Com isso, aumenta-se o número de segmentos no inventário da língua, mas, por outro lado, reduz-se o número de tipos silábicos. Essa interpretação também é vantajosa para a análise acentual, como se verá no desenvolvimento deste trabalho.

A outra análise possível é afirmar que o glide é um alofone vocálico (Mattoso Câmara Jr. (1984⁸), Leite (1979), Lopez (1979), Silva, (1992) (1996) e Lee (1999)). A grande maioria dos estudos sobre o glide admite essa hipótese por duas justificativas: uma particular e a outra universal. A primeira recorre à ausência de pares mínimos no PB entre os glides e os segmentos foneticamente semelhantes (ver qual autor fala isso), isto é, as vogais. Aparentemente, apenas há o par mínimo [kʷãdʊ] *quando* e [kuãdʊ] *coando* (Cagliari, 2009). No entanto, os dois exemplos vêm de formas fonológicas distintas /kʷãNdo/ ou /k^uaNdo/ *quando* e /koaNdo/ *coando*. Logo, mesmo que foneticamente a alternância entre glide e vogal indique o contraste entre estes dois segmentos, o que, na verdade, o proporciona são as vogais [o] e [u]. Outra interpretação que exige o glide da forma subjacente é afirmar que a sequência /k^u/ é um segmento complexo, isto é, ele apresenta apenas um nó de raiz (uma unidade temporal). A segunda interpretação parte da afirmação de Hyman (1975) de que as línguas que contrastam vogais altas e glides necessariamente também fazem distinção entre vogais longas e curtas e este não é o caso do PB.

No entanto, as análises que defendem o glide como alofone vocálico se deparam com o problema de derivar dois tipos de glides. Isso ocorre porque a maioria dos glides pré-vocálicos podem se alternar livremente com vogais altas (t[ɪ]ara ~ t[i]ara). Diferente disso, os glides pós-vocálicos não o podem. São, assim, obrigatórios. As análises que obedecem à teoria gerativa (a exemplo, Lopez (1979)) precisam derivar um glide no início da derivação e outro no final da derivação, isto é, o glide fonético.

⁷ O texto foi divulgado pela primeira vez em 1969.

⁸ O texto foi divulgado pela primeira vez em 1970.

1.2) Glides Intervocálicos

É unânime a afirmação de que os glides consecutivos às vogais [ɛ, e] tônicas quando pospostos por outra vogal são introduzidos em algum nível da derivação, e, deste modo, não correspondem a uma representação no nível subjacente da língua. Citamos por exemplo, a palavra *passaio* que, neste sentido, apresenta a representação subjacente /pase+o/ e a superficial [pa'seju]. Também é consenso que o objetivo de se introduzir um glide nesta posição é motivado para se evitar a ocorrência do hiato. Apenas Couto (1994) afirma que este processo ocorre para separar duas vogais, sendo o glide, neste caso, além de vocálico, também consonantal. No entanto, como e em qual ponto da derivação isso ocorre varia de acordo com os autores supracitados. Abaixo, ilustram-se essas idéias.

Conforme Mattoso Câmara Jr. (1977, 1970, 1984), Lopez (1979) e Mateus (1982), os glides intervocálicos são apenas sons de transição entre vogais, sem valor distintivo e fonêmico. Esse glide surge devido a fatores mecânicos para desfazer os hiatos, sendo, somente, a realização fonética da vogal simples.

Segundo Mattoso Câmara Jr. (1977, 1970, 1984), estes glides podem ser observados tanto após as vogais [- rec] quanto [+ rec]. Citamos *cheio* [ʃeyu]⁹ e *tua* [tuwə]. Para ele, o hiato –ea, por exemplo, ‘européia’, apenas se ditonga somente se a vogal /e/ for tônica. Ele também estabelece como limite de ocorrência do processo a palavra fonológica e demonstra em ‘vê-a’ (forma verbal *vê* com pronome *a* enclítico) que a inserção do glide não ocorre.

O posicionamento dos glides intervocálicos na sílaba é um ponto bastante discutido. Sobre isso, Lopez (1979, p.114), diferentemente dos fonólogos do início da década de 1990, afirma que o glide epentético une-se à vogal seguinte como um onset silábico, sendo introduzido após as regras de formação de conversão de vogal-glide (*boa* [boɰwə] e *saia* [[sajə]). Após a inserção deste glide G (consonantal), um glide V (vocálico) é inserido após a vogal da sílaba anterior, para diminuir o impacto na passagem da vogal média para o glide G (*boa* [boɰwə] e *saia* [sajə]). Ainda de acordo com Lopez (1979, p. 112), essas semivogais intervocálicas são menos sonoras que os glides V e formando uma juntura menos próxima com a vogal precedente. Assim, foneticamente, são consideradas mais próximas dos glides G.

Para Mira Mateus (1982), estes glides são inseridos por regras de ditongação. A autora considera os contextos ‘anterior’ e ‘posterior’ à posição de inserção do glide como influenciadores e determinantes a sua ocorrência. Um glide [- rec] é inserido após uma vogal [- alta], [- rec] [+ acento] se esta for seguida por uma vogal que não seja [+ alta]. Isso explica o fato que os glides não se inserem antes de vogais [+ altas]. São exemplos as palavras: *judeu* (a representação fonética é [ʒu'deju] e não *¹⁰[ʒu'deju]) e *céu* ([sɛju]). Palavras como *rodeio* [ho'deju] e *correio* [koreju] não são consideradas exceções, porque a transformação da vogal em glide ocorre antes do alçamento (neutralização) da vogal [- alta] para [+ alta] em final de palavra.

Silva (1992) (1996) afirma que considerar o glide intervocálico no onset é a hipótese mais simples. No entanto, ela acredita que ele não está nessa posição porque, no PB, formas

⁹ Em seu livro, Mattoso Câmara Jr. (1953/1977) utiliza a representação fonética [xeiyu] para a palavra *cheiro* e [tuwa] para a palavra *tua*. Optamos por utilizar a adaptá-las à representação atual.

¹⁰ O símbolo (*) significa proibido, assim, *¹⁰[ʒu'deju] corresponde a ‘proibido a forma [ʒu'deju]’.

como *['lakajũ], com glide intervocálico pós-tônico, na qual o acento recai sobre a terceira posição nuclear, seriam possíveis; todavia, elas não ocorrem no português. No entanto, observamos que o PB é uma língua que tende a acentuar suas palavras sempre na borda direita da palavra, em sua penúltima ou última sílaba, ocorrendo, assim, um número limitado de palavras proparoxítonas que tendem a se reduzir ao formato paroxítono, quando permitido pelo padrão silábico: 'xícara' ['xikrə], 'fósforo' ['fosfru], abóbora [a'bɔbrə].

Porém, como já se afirmou acima, as proparoxítonas são tidas como uma exceção. Logo, a não existência de formas como *['lakajũ] pode ser atribuída a uma lacuna natural de um conjunto defectivo das formas que ainda sobrevivem no sistema sincrônico atual. Além disso, a autora assume que os segmentos [k^w, ɣ^w, ɲ, ʎ, ʒ, ʒ, h], todos consoantes, assim como os glides, não ocorrem na penúltima sílaba da palavra, quando o acento é proparoxítono (em Silva (1996), ela apresenta algumas exceções a essa afirmação – frí[ʒ]ido, Mé[ʒ]ico –, o que não refuta nossa afirmação), o que faz questionar se, realmente, este é um bom argumento para excluí-los da posição de onset¹¹. Desse modo, baseada na localização da proeminência acentual, Silva (1992, 1996) propõe que os glides intervocálicos ocupam o núcleo junto a vogal.

1.3) A Sílaba e o Acento no PB

A estrutura silábica, conforme Selkirk (1982), é formada pelos constituintes: onset (O) e rima (R), sendo este último formado por núcleo (N) e coda (C). No PB, cada constituinte silábico pode comportar até no máximo dois elementos. A estrutura silábica é considerada previsível, e diretamente dependente da proposição dos traços de classe principal. Por isso, se faz tão importante determinar o funcionamento dos glides, para se prever melhor a formação silábica. Abaixo, representam-se as duas possibilidades de ocupação silábica pelo glide. Na figura 2, o glide é alofone de uma vogal e, na figura 3, o glide é um fonema, classificado como consoante.

Figura 2¹²

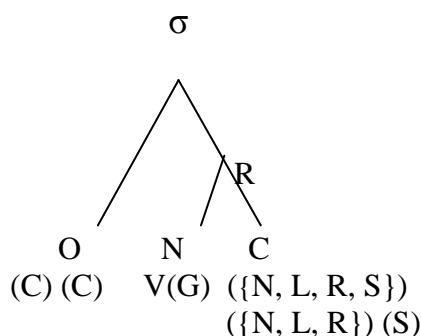
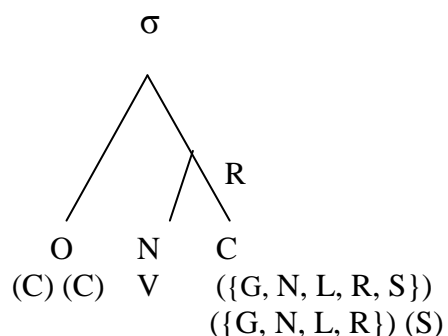


Figura 3



¹¹ Silva (1992, p. 111) afirma que diferente dos glides, estas vogais podem ocupar o onset da sílaba consecutiva à sílaba de acentuação proparoxítona ('Cânhamo' ['kaŋamu] 'México' ['meʒiku], frígido ['frizidu]).

¹² O molde silábico a. foi extraído de Lee, 1999.

Observa-se, acima, que o PB permite duas consoantes no onset (*clau*stro, *pro*testo). Em 1, o glide pós-vocálico se localiza no núcleo (formando um segmento complexo), junto à vogal (*gai*ta, *moi*ta); Em 2, ele se localiza na coda junto as consoantes. Os parênteses indicam que os segmentos ocorrem opcionalmente e cada um significa uma posição na sílaba. Os colchetes significam que só pode ocorrer um segmento por vez (*const*ante, *per*mito, *gai*ta, *áureo*, *anzol*, *país*).

1.4) O Peso Silábico

Para a fonologia atual, a funcionalidade do peso silábico no PB ainda é um assunto discutível. O PB é uma língua que caracteristicamente apresenta uma janela de três sílabas, da direita para a esquerda, às quais podem ser atribuídas o acento primário. Mesmo sendo possível o acento à sílaba proparoxítona, os padrões paroxítono e oxítono são mais comuns e quantitativamente significativos para a língua. Isso possibilita duas propostas de padrão rítmico. O Troqueu (Bisol, 1992), com base no peso silábico e o Iâmbico (Lee, 2002, 2005), com referência morfológica. Abaixo, resumem-se duas propostas de organização do acento na fonologia do PB.

1.5) O Acento

Bisol (1992), com base na teoria métrica, propõe que o acento primário do PB constrói pés binários de cabeça à esquerda, sensíveis ao peso inerente da rima ramificada que seguem disjuntivamente uma das duas regras no domínio da palavra:

- i. Atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final, i.e., sílaba de rima ramificada.
- ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não iterativamente) com proeminência à esquerda, de tipo (*.), junto à borda direita da palavra (Bisol, 1992, p. 69).

Bisol (1992) apresenta uma análise unificada do acento, isto é, suas regras servem tanto para explicar os nomes quanto os verbos. Assim, enquanto o item (i) acima é responsável pela atribuição do acento em nomes, como *sabão*, *cordel*, *labor*, *troféu*, devido às rimas ramificadas, o item (ii) acima atribui acento à mesa, *bola*, *cela*, *ampola*, *timbre*, etc. Essas regras são cíclicas nos nomes, e se aplicam sempre que um morfema sufixal é adicionado ('casa, casa'mento, casamen'tinho). Essas mesmas regras nos verbos são não cíclicas, e se aplicam de uma só vez, quando a palavra está pronta.

A autora utiliza o recurso da Extrametricidade aos itens periféricos à direita, a fim de regular algumas palavras prosódicas ao domínio das regras de acento, associando novamente esses elementos pela regra de Adjunção da Sílaba perdida (ASP) ao se formarem os pés. A silabação é previsível e contínua – realiza-se sempre no início de cada ciclo, após a inserção de um elemento morfológico – ocorre antes da Regra de Formação dos constituintes prosódicos. As palavras proparoxítonas e as paroxítonas com sílaba final ramificada, já apresentam no léxico a informação de extrametricidade silábica ou segmental.

Outra análise possível para o PB, neste texto, ela será ilustrada pelos trabalhos de Lee (2002, 2005) considera como domínio do acento do não-verbo, não-marcado, é o radical derivacional, sendo acentuada a última vogal do radical, *mes+a*, *bol+a*, *ampol+a*, *timbr+e*. O

acento sempre cai mais à borda direita da palavra. Logo, as palavras como *saci*, *tricô* e *café* apresentam acento na última sílaba, porque o domínio do radical derivacional é o mesmo da palavra fonológica, já que eles são ausentes de marca de gênero/vogal temática.

Diferente do arguido por Bisol (1992) e Wetzels (1992) que afirmam que o pé do PB é troqueu moráico, a análise de Lee (2002, 2005) prevê que os pés métricos do PB são de cabeça à direita, i.e., iâmbicos, como ilustramos nos exemplos (2b) e (2d):

Tabela 4

Pés Métricos	a.Proparoxítona	b.Paroxítona	c.Paroxítona com última sílaba ramificada	d.Oxítona
1.Bisol (1992) e Wetzels (1992)	'lampa<da> (* .)	'bola (* .)	'uti<l> (* .)	tri'co/t/ (*)
2.Lee (2002) e (2005)	'lampada (* .)	'bol+a (*)	'util (* .)	tri'co (. *)

Lee (2002) e (2005) consegue analisar o acento do PB sem utilizar o recurso da extrametricidade, exceto aos verbos. No entanto, sua análise utiliza a noção de marcação para explicar exemplos como (2a) e (2c). Isso expõe esses casos como marcados na língua, e, por isso, formam o pé troqueu. Neste caso, tem-se o troqueu silábico (não-iterativo, domínio do radical), pois o autor assume que o PB não é sensível ao peso silábico. Além destes exemplos, também os verbos, acentuados no nível da palavra, são troqueus. O resultado disso é uma atribuição de acento sensível a categoria lexical.

2) Análise: Os glides intervocálicos

Glides intervocálicos são segmentos que se realizam entre segmentos [+ silábicos] ('ba[ɫ]oneta', 'ce[ɫ]a', 'Ca[ɫ]an'). A maioria dos glides intervocálicos não tem segmento correspondente na representação subjacente da palavra (seja ele vocálico, consonantal, ou mesmo o próprio glide). O principal argumento para essa conclusão é a previsibilidade de sua realização (Mateus, 1982). Assim, o glide intervocálico é criado e concorda com os traços [recuado] e [arredondado] da vogal que o precede; esta vogal necessariamente deve ser tônica, [-alta] (e,ɛ,o,ɔ) e a vogal que o segue deve ser [- alta].

Outras duas características diferenciam o glide intervocálico previsível do glide intervocálico não-previsível¹³. A primeira é sua não ocorrência em todas as formas de um paradigma (passe[ɫ]o-passear, porém cu[ɫ]a-cu[ɫ]eira); a segunda é sua ocorrência variável, dependente de condições extralingüísticas ([a'reɪa] ~ [a'rea] 'areia', porém [kuɾa] *[kua]). Vejam abaixo:

¹³ Este texto trata como glide intervocálico previsível aquele que não tem unidade temporal correspondente na forma subjacente.

Glides intervocálicos previsíveis:

'ce[ɹ]a, porém ce'ar

pas'se[ɹ]o, porém passe'ar

ca'ho[ɹ]a, porém cano'á

'do[ɹ]a, porém doa'ção

Fazem-se duas pontuações sobre os exemplos acima. Segundo Chomsky e Halle (1968), sons bastante semelhantes em uma língua podem funcionar como uma classe natural. Assim, observa-se que [ɹ] e [ɹ̥] formam uma classe natural, porque os dois podem ser inseridos no contexto descrito acima. Nota-se, também, que a inserção pode ocorrer tanto entre verbos quanto em nomes não sendo sensível a categoria lexical, no entanto, a alteração do acento é diretamente influente em sua ocorrência (isso se deve, provavelmente, à tendência de as sílabas tônicas apresentarem maior duração que as átonas). Quando a vogal que antecede o glide se torna átona, ou é naturalmente átona (a'mendoa, então *a'mendo[ɹ̥]a), automaticamente o glide perde o contexto para sua realização. Abaixo citamos exemplos de glides intervocálicos não previsíveis:

'bo[ɹ]a, então bo[ɹ]ar

go[ɹ]aba e go[ɹ]abada

Ca[ɹ]an, então Ca[ɹ]anzinho

Nos casos acima, com a alteração do acento, o glide ainda se realiza, não dependendo, deste modo, do contexto.

Há duas explicações para o fato de os glides intervocálicos apenas antecederem, fonologicamente, segmentos [-altos]. A primeira, apresentada por Mateus (1982), afirma que em palavras com sequência fonológica de vogal [+/-ATR], [-alta] e vogal [+alta], o glide não pode ser inserido, devido a segunda vogal ser [+alta]: *eu.ro.peɹ̥, 'europeu', *ju.deɹ̥, 'judeu'.

Ela explica que realizações fonéticas do tipo [paseɹ̥], com glide anterior a vogal [ɹ] só é possível porque a neutralização da vogal subjacente /o/ para [ɹ] realiza-se antes da inserção do glide (consideramos aqui uma teoria com base no ordenamento), deste modo, o glide é inserido antes de vogal [-alta].

A segunda explicação fundamenta-se na aceitação de que os glides fazem parte do inventário subjacente da língua como glides. Assim, a inserção do glide é proibida porque no PB proíbe-se a realização de dois glides consecutivos na mesma sílaba *eu.ro.peɹ̥, 'europeu', *ju.deɹ̥, 'judeu'. Essa explicação é mais simples, porém exige-se que aceite esse segmento como fonológico em uma língua que não há pares mínimos entre glides e seus sons foneticamente semelhantes, isto é, as vogais altas, como afirmamos anteriormente.

Aceitar que o glide faz parte do inventário fonológico da língua também descomplica a atuação da acentuação do PB. Vejam os exemplos abaixo:

pas'se[ɹ]o ~ pas'se[ɹ]

ˈme[ɪ]o ~ ˈme[ɪ]

ˈvelho ~ ˈve[ɪ]

ˈme[ɪ]a (somente)

O segundo exemplo de cada palavra acima mostra um processo bastante comum do falar norte-mineiro: o apagamento do marcador de palavra /o/. Este apagamento é sensível à informação lexical e permite somente a realização de ‘o me[ɪ]’ mas não de *‘a me[ɪ]’. O que sugere que o marcador masculino é uma informação redundante. Fonologicamente¹⁴, o apagamento deste marcador implica na reestruturação da palavra que deixa de ser paroxítona para se tornar oxítona terminada em glide.

Uma sílaba é pesada se contiver duas unidades de tempo (podem ser representadas por X; C e V, ou moras). No PB, as sílabas são pesadas se fechadas pelas codas: R, L, N, S. (a coda /S/ que representa o morfema de plural não adiciona peso a sílaba). Se os glides advêm de um processo aplicado a uma vogal na forma subjacente e formam ditongos durante a derivação, não irão atribuir peso à sílaba. No entanto, se são considerados consonantais, podem atribuir peso. Logo, o dialeto acima é uma evidência de que o glide é interpretado como um segmento que atribui peso silábico, pois a ausência do marcador masculino não causa nenhuma violação ao padrão do PB já que o dialeto recorre ao segundo padrão aceito pela língua, o oxítono, conforme proposto por Bisol (1992). Isso só é possível se considerarmos que o glide atribui peso à sílaba.

Pode-se pensar na possibilidade de inserir este glide sob a forma de vogal, e depois, por regra, transformá-lo em glide, e obter o padrão paroxítono. Esta não é uma boa solução porque causaria, primeiramente, um padrão de acento proparoxítono, marcado no PB, para depois obter o padrão paroxítono, quando a vogal se tornar glide. Além disso, se houver o processo de apagamento, que supre o marcador de palavra, a forma paroxítona se desfaz para dar lugar ao acento oxítono. Deste modo, descarta-se essa hipótese.

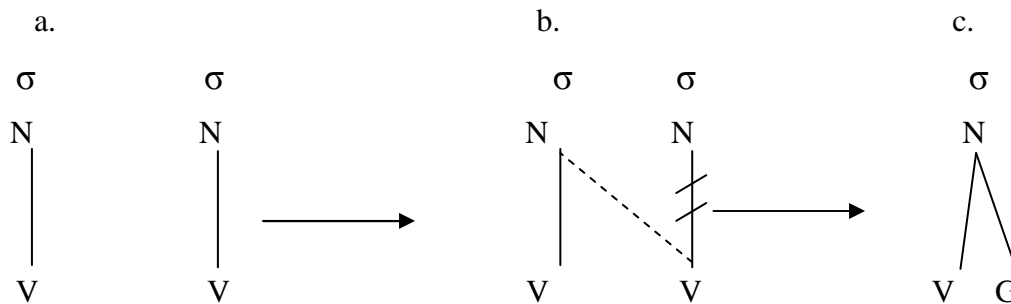
Novamente, avalia-se o dialeto acima, agora, sob a teoria acentual de Lee (2002), (2005). Lee afirma que o PB acentua a última vogal do radical. A inserção do glide não prejudica esta análise porque ele já se insere glide, isto é, [-silábico], e não pode receber o acento. Como o dialeto não faz alterações no radical, não há mudança na acentuação. No entanto, as palavras que apresentam o glide intervocálico imprevisível se tornam problemáticas, pois esta teoria se vê obrigada a marcar estes exemplos (além de outros não discutidos aqui), que não terá acentuada a última vogal do radical, como em ‘cuia’, ‘bóia’ e ‘maior’. Novamente, para a teoria acentual, considerar os glides segmentos fonológicos é mais vantajoso.

Afirmou-se, anteriormente, que glides intervocálicos previsíveis podem realizar-se ou não. Quando não se realizam, tem-se, na palavra, o encontro de duas vogais, isto é, há um limite silábico bem específico. No entanto, se o glide ocorre, tem-se um impasse: em qual sílaba localiza-se o glide? A silabificação deve ser feita ‘ˈme.[ɪ]o’, com o glide no início da segunda sílaba, ou ‘ˈme[ɪ].o’ com glide no final da primeira?

¹⁴ O fenômeno de apagamento no falar norte-mineiro é somente fonético, no entanto, exhibe o padrão de acento fonológico.

No PB, glides de sequências vogal-glide comportam-se de modo diferente de sequências glide-vogal. Essa diferença se expressa no comportamento fonético dessas sequências. Enquanto a primeira não permite variação livre com a sequência vogal-vogal, a segunda permite. Considerando-se que os glides intervocálicos (considera-se tanto glides previsíveis e não previsíveis) nunca se realizam como vogais (*me[i]o, *cano[u]a), conclui-se que eles se comportam como um glide de sequência vogal-glide, localizado, assim, na primeira sílaba. Neste ponto, podem-se imaginar duas possibilidades: se o glide for analisado como advindo de uma vogal subjacente, então, ao se tornar glide, ele passa a se localizar no núcleo da primeira vogal, junto com ela, sem adicionar peso à sílaba. No entanto, se ele for classificado como consoante, ele se localizará na coda (ligado a um nó C ou G) e, ainda, se for classificado como glide, poderá ocupar estas duas posições. Exemplifica-se abaixo:

Figura 5: Representação silábica do glide obtido por processo de assilabificação da vogal:



Acima, apresentamos, em representação silábica parcial, a formação do glide em sequência vogal-glide. No caso do glide intervocálico previsível, o processo já se inicia em (c.). Abaixo, exemplifica-se a sílaba com glide classificado como consoantal:

Figura 6: Representação silábica do glide classificado como consoante:



Relembra-se que o glide intervocálico previsível é um fenômeno que ocorre na forma fonética e não atinge o nível subjacente do sistema fonológico, no entanto, ele nos dá indícios de como este nível está organizado, além disso, há restrições que são comuns aos dois níveis.

Acima, afirmamos que no nível fonético é proibida a realização dos glides consecutivos na mesma sílaba, assim também ocorre no nível subjacente, se considerarmos que glides subjacentes são possíveis.

Propor que os glides são consoantes na forma subjacente, implica em problemas para a silabificação da forma fonética (este tipo de problema não é causado se ele for considerado vocálico). Isso ocorre porque, no PB, são proibidas sequências silábicas do tipo *VC.V. Por exemplo, palavras como ‘canto’, ‘cama’, ‘sala’ não são silabificadas como *‘cant.o’, *‘cam.a’ ou *‘sal.a’, e, sim, ‘can.to’, ‘ca.ma’ e ‘sa.la’. Nesses casos, a consoante intervocálica está posicionada no ‘onset’ da sílaba seguinte. Se o glide intervocálico deve ser inserido no final da primeira sílaba e as consoantes estão no ‘onset’ silábico, como o glide pode ser considerado, nesta posição uma consoante?

Para se resolver este impasse, devemos considerar que as sequências silábicas do tipo *VC.V são proibidas na forma fonética. Se a silabificação for previsível, essa restrição não atuará na forma subjacente, porque não há silabificação neste nível. Porém, se levar-se em conta a Fonologia Lexical, na qual a forma lexical, *input* da forma somente fonológica, já está silabificada, esta restrição não atua na forma subjacente, *input* da forma lexical, porque os glides intervocálicos não previsíveis estão presentes e silabificados no final da primeira sílaba. Nesse caso, essa sequência somente é proibida na forma fonética.

Para evitar que esse tipo de sequência se realize na forma fonética (*output*), propõe-se que, neste nível, ocorra a ambissilabidade. Isto é, o glide ocorre tanto na coda da primeira sílaba quanto no ‘onset’ da segunda. Assim, este trabalho está em sintonia com a solução de Couto (1994). No entanto, discorda-se desse autor quanto ao tratamento do glide. Segundo o autor, o glide é ramificado na primeira sílaba como V. No entanto, o que se vê, no desenvolvimento desta pesquisa, são razões concretas de que o glide deve ser interpretado como um segmento consonantal no sistema do PB.

No processo de ambissilabidade (Kahn, 1976), sabe-se a quantidade de sílabas que a palavra tem, no entanto, não se sabe qual o limite entre as sílabas ambissilábicas. Em alguns testes informais realizados com falantes do PB, observou-se que a maioria expressa alguma dificuldade¹⁵ em decidir o modo de se dividir as sílabas que contém glides intervocálicos, dificuldade que não se realiza em palavras com consoantes intervocálicas. Outra prova é que as respostas¹⁶ obtidas eram variáveis: alguns falantes propunham (VG.V), enquanto uma boa parte propunha (V.GV).

Com papel consonantal, o glide é inserido na coda silábica da primeira sílaba e se associa ao ‘onset’ da sílaba seguinte, produzindo o padrão VC.CV, permitido no PB. Outro fenômeno que apresenta razões para a interpretação dos glides como consonantais são o apagamento do glide [ɥ] em coda, se antecedido por vogal [o].

Há, no PB, a inserção do glide intervocálico que proporciona a realização de variações como ‘boa’ ~ ‘bo[ɥ]a’, ‘pessoa’ ~ ‘pesso[ɥ]a’, mas há, também, o processo inverso, isto é, o de apagamento do glide [ɥ], antecedido por [o]:

¹⁵ A dificuldade é expressa pelo falante em interjeições, expressões faciais e também pelo tempo de resposta. Observa-se que o falante utiliza um tempo de resposta maior nestes casos, diferente de palavras que contenham uma consoante intervocálica.

¹⁶ Em algumas dessas respostas os falantes se apóiam no ensino normativo.

ro[ʝ]pa ~ ropa

lo[ʝ]ça ~ loca

Isso demonstra a diferença sistemática entre estes dois glides: no apagamento, o glide é apenas associado à coda (C), ou ao núcleo, junto à vogal (V), e sofre dissimilação dos traços [+ arred], [+ rec] pela vogal [o] que o antecede. Já o glide intervocálico advém da assimilação dos mesmos traços de [o]. Conforme Couto (1994), “eu creio que isso (o fato do glide ser inserido) só reforçaria a tese aqui defendida de que ele passa a ter natureza consonantal. Com efeito, ele é inserido para separar duas vogais; e o que melhor separa duas vogais é uma consoante” (Couto, 1994, p. 136). Assim, conclui-se que o preenchimento do ‘onset’ pelo glide intervocálico, formando uma estrutura CV, é responsável pela sua tendência de realização na forma fonética, diferente do apagamento, visto anteriormente.

3) Conclusão

Conclui-se que, no PB, há dois tipos de glides intervocálicos: aqueles que são previsíveis pelo contexto, criados por assimilação de traços na forma fonética, e aqueles que não são previsíveis pelo contexto, ligados a uma unidade temporal C ou V. Neste último caso, investigou-se se eles eram obtidos por uma regra de assilabificação, que torna a vogal em glide, ou se ele é fonêmico, ligado a uma unidade temporal C. As descrições acentuais, a estrutura silábica e o comportamento fonético favorecem a descrição do glide como consonantal, presente na estrutura subjacente do PB.

Referências

- BISOL, L. *O Ditongo na Perspectiva da Fonologia Atual*. D.E.L.T.A, São Paulo, v.5, n. 2, p. 185-224. ago. 1989
- _____. *O Acento e o Pé Métrico Binário*. Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas, v. 22. p. 69-80, janeiro./junho, 1992
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1961
- CAGLIARI, L. C. *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. São Paulo: Paulistana 2009.
- CÂMARA JR, J. M. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Petropolis: Vozes, 1977
- _____. *Problemas de Língua Descritiva*. 3. ed. Petropolis: Vozes, 1970
- _____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 14. ed. Petropolis: Vozes, 1984
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968
- CLEMENTS, G. N.; KEYSER, S. J. From CV Phonology: A Generative Theory of the Syllable. In . Goldsmith. J. A. *Phonology Theory: Essential Readings*. Malden: Blackwell, 1999

COLLISCHONN, G. *Um Estudo da Epêntese à luz da Teoria da sílaba de Junko Itô*. Letras de Hoje. Porto Alegre. v. 31, n.2, p.149-158, junho, 1996.

COUTO, H. *Ditongos Crescentes e a ambissilabidade em Português*. Letras de Hoje. Porto Alegre: Edipucs. n. 98, p. 113-127, dezembro, 1994

CROSSWHITE, K. M. *Vowel Reduction in Optimality Theory*. Tese. 1999

HYMAN, L. *Phonology Theory and Analysis*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975

KAHN, D. *Syllable Base Generalizations in English*. New York: Garland Publishing Company. New York. 1976

LEE, S. H. Teoria de Otimalidade e Silabificação do PB. In: MENDES, E. A. de M. M., OLIVEIRA, P. M. BENN-IBLER, V. *Revisitações: Edição Comemorativa 30 anos da Faculdade de Letras/UFMG*. Belo Horizonte.1999.

_____. Primary Stress in Portuguese Non-Verbs. In. REIS, C. *Estudos em Fonética e Fonologia do Português*. Belo Horizonte: Fale-UFMG, 2002

_____. O acento primário no português: uma análise unificada na Teoria da Otimalidade. In: ARAÚJO, Gabriel (org.). *O Acento em Português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 120-143.

LEITE, Y. F. *Portuguese Stress and Related Rules*. 152 f. Tese (Doutorado, PhD) – University of Texas, Austin, 1974

LOPEZ, B. S. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan Dialect)*. Tese (Doutorado, PhD) - University of California, Los Angeles, 1979.

MATEUS, M. H. M. *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1982

MATZENAUER, L. C. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, L. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: Edipucs, 2005

PIKE, K. *Phonetics: A Critical Analysis of Phonetic Theory and a Technic for the Practical Transcription of Sounds*. Michigan: Ann Arbor, 1972

SELKIRK, E.O. The Syllable. In. Goldsmith. J. A. *Phonology Theory: Essential Readings*. Malden: Blackwell, 1999

SILVA, T. C. *Nuclear Phenomena in Brazilian Portuguese*. Tese. University de Londres, Londres, 1992.

_____. SILVA, T. C. *A Interpretação de glides Intervocálicos no português*. Letras de Hoje. Porto Alegre: Edipucs. V.31, n.02, p. 169-176, junho, 1996.

TRUBETZKOY, N. S. *Principios de Fonologia*. Madrid: Cincel, 1939.

WETZELS. L. *Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese*. Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas, v. 23.p. 19-55, julho./dezembro, 1992.

_____. *Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro*. RELIN. Belo Horizonte. v. 9, n.2, p. 5 a 16. julho/dezembro, 2000.